



Pal-m digital

Adversários do padrão japonês para TV Digital dizem que a tecnologia asiática deixará o Brasil isolado

No final da tarde desta quarta-feira, o presidente do Grupo Bandeirantes de Comunicação, Johnny Saad, já tinha conversado com uma dezena de pessoas sobre a manchete estampada na edição de hoje, dia 08, da Folha de São Paulo. “Perdemos para uma promessa de uma fábrica de semicondutores”, repetiu o executivo nos diálogos com

os seus interlocutores em relação à decisão anunciada e desmentida em seguida do presidente Lula pelo padrão japonês para a TV Digital brasileira. Mesmo com o desmentido oficial do governo, o dono da Bandeirantes, que é contrário ao consórcio asiático, sabe que a decisão está tomada e ela tem um valor: US\$ 2 bilhões. É quanto os japoneses prometem investir na construção de uma fábrica de

componentes para os equipamentos que serão utilizados na transmissão e recepção da TV Digital. O sonho de uma fábrica de semicondutores não pertence à administração do PT. Governos anteriores tentaram de alguma forma atrair esse tipo de investimento para o País. A questão é entender se o atual momento dessa indústria no planeta, que a cada dia aporta mais recursos na Ásia, principalmente na China e Taiwan, permite uma mudança do eixo de investimentos. “Essa janela de oportunidade já sei foi”, diz Marcos Magalhães, presidente da Philips na América Latina. Os outros concorrentes dos consórcios americano e europeu não conseguiram montar uma promessa com essa envergadura. Há quem acredite que o governo busca apenas uma desculpa pública – e nada melhor do que um investimento de centenas de milhões de dólares – para defender o padrão japonês, que em ano eleitoral agrada em cheio as emissoras de televisão, em especial a Rede Globo, a grande patrocinadora da tecnologia. Por trás de toda essa operação estaria o interesse da Globo de não depender das operadoras de telefonia tradicionais para chegar aos usuários de celulares. O padrão japonês tem um canal de comunicação próprio que garante ao produtor do conteúdo o contato direto com o usuário final. Outro aspecto é a questão da frequência. Com a adoção do modelo asiático, a Globo e as outras emissoras não precisarão comprar novas licenças de transmissão para os projetos em torno da TV Digital. “Vamos ficar novamente isolados”, afirma o grande executivo da indústria da telecomunicações. A frase tem forte relação com o passado recente da radiodifusão nacional. Lá atrás quando o Brasil precisou definir um modelo em cores para a televisão analógica ficou entre dois mundos. O europeu Pal e o americano NTSC. Cada padrão tinha suas qualidades e o Brasil quis os dois. Foi assim que surgiu o Pal-M, que funciona só no Brasil. Os adversários dos japoneses dizem que a decisão do presidente Lula é uma volta ao passado porque a TV digital brasileira não terá competitividade mundial, mesmo com a instalação de uma fábrica de semicondutores. “É uma visão eleitoral, de curto prazo e isolacionista”, diz outro executivo da área de telefonia. “Estamos criando um novo Pal-M.”